

MARCEL AYMÉ

# O PASSA-PAREDES E OUTRAS NOVELAS

---

Traduzido do original francês por  
MANUEL DE FREITAS

## ÍNDICE

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| O PASSA-PAREDES . . . . .         | 9   |
| AS SABINES. . . . .               | 23  |
| O CARTÃO . . . . .                | 61  |
| O DECRETO. . . . .                | 81  |
| O PROVÉRPIO . . . . .             | 105 |
| LENDA POLDEVA . . . . .           | 123 |
| O COBRADOR DE ESPOSAS. . . . .    | 137 |
| AS BOTAS DE SETE LÉGUAS . . . . . | 155 |
| O OFICIAL DE JUSTIÇA. . . . .     | 191 |
| À ESPERA . . . . .                | 205 |

## O PASSA-PAREDES

Havia em Montmartre, no terceiro andar do 75 A da Rua de Orchampt, um homem excelente chamado Dutilleul, que possuía o dom singular de passar através das paredes sem que isso o incomodasse. Usava luneta, uma pequena barbicha preta e era funcionário de terceira classe no ministério dos Registos. No Inverno, ia para o seu escritório de autocarro, e, quando chegava o bom tempo, fazia o trajecto a pé, debaixo do seu chapéu de coco.

Dutilleul acabava de entrar no seu quadragésimo-terceiro ano quando teve a revelação do seu poder. Uma noite, tendo sido surpreendido por uma breve avaria eléctrica no vestíbulo do seu pequeno apartamento de celibatário, tacteou por instantes nas trevas e, quando a corrente voltou, deu por si no patamar do terceiro andar. Como a sua porta de entrada estava fechada à chave do lado interior, o incidente fê-lo reflectir, e, apesar das admoestações da sua razão, decidiu voltar para casa tal como tinha saído, atravessando a parede. Essa estranha faculdade, que parecia não corresponder a nenhuma das suas aspirações, não deixava de o contrariar um pouco, e, aproveitando o primeiro sábado em que teve folga, foi procurar um médico do bairro para lhe expor o seu caso. O médico ficou convencido de que ele lhe dizia a

verdade, e, depois de o examinar, descobriu a causa do mal num endurecimento helicoidal da parede estranguladora do corpo tireóideo. Receitou-lhe excesso de trabalho intensivo, e, à razão de dois comprimidos por ano, absorção de pó de pireta tetravalente, bem como uma mistura de farinha de arroz e de hormona de centauro.

Tendo absorvido uma primeira dose, Dutilleul colocou o medicamento numa gaveta e não voltou a pensar nele. Quanto ao excesso de trabalho intensivo, a sua actividade de funcionário pautava-se por hábitos que não se acomodavam a qualquer tipo de excesso, e as suas horas de lazer, consagradas à leitura do jornal e à sua colecção de selos, também não o obrigavam a um dispêndio exagerado de energia. Ao final de um ano, ele tinha guardado assim intacta a faculdade de passar através das paredes, mas nunca a utilizava, a não ser por inadvertência, sendo pouco curioso por aventuras e renitente aos arrebatamentos da imaginação. Nem sequer lhe ocorria a ideia de regressar a casa de outro modo que não fosse a porta, e só depois de a ter devidamente aberto rodando a fechadura. Talvez ele tivesse envelhecido na paz dos seus hábitos sem sentir a tentação de pôr à prova os seus dons, se um acontecimento extraordinário não tivesse vindo perturbar subitamente a sua existência. O Sr. Mouron, seu subchefe do escritório, chamado para outras funções, foi substituído por um certo Sr. Lécuyer, que era de poucas falas e tinha um bigode de broxa. Desde o primeiro dia, o novo subchefe viu com maus olhos que Dutilleul usasse uma luneta com fio e uma barbicha preta, e fingia tratá-lo como uma velha coisa incômoda e um pouco indecente. Mas o mais grave era ele querer introduzir no seu serviço reformas de um alcance considerável e feitas de modo a perturbar a quietude do seu subordinado. Há vinte anos que Dutilleul começava as suas epístolas com a

seguinte fórmula: «Reportando-me à vossa prezada carta do corrente dia tal e, relativamente à nossa troca de cartas anterior, tenho a honra de vos informar...». Fórmula essa que o Sr. Lécuyer decidiu substituir por outra com um tom mais americano: «Em resposta a vossa carta de dia tal, informo-vos que...». Dutilleul não se conseguiu acostumar àqueles modos epistolares. Regressava involuntariamente à fórmula tradicional, com uma obstinação mecânica que lhe valeu a crescente inimizade do subchefe. A atmosfera do ministério dos Registos tornava-se-lhe quase penosa. De manhã, deslocava-se para o trabalho com apreensão, e de noite, na sua cama, acontecia-lhe muitas vezes pensar durante um quarto de hora inteiro antes de encontrar o sono.

Desgostado com essa vontade retrógrada que comprometia o êxito das suas reformas, o Sr. Lécuyer relegou Dutilleul para um reduto semi-escuro, contíguo ao seu escritório. Acedia-se a ele por uma porta baixa e estreita que dava para o corredor e que tinha ainda em letras maiúsculas a inscrição: ARRECADAÇÃO. Dutilleul tinha aceitado com um coração resignado essa humilhação sem precedentes, mas em sua casa, ao ler no jornal o relato de algum episódio sangrento, dava por si a sonhar que a vítima era o Sr. Lécuyer.

Um dia, o subchefe irrompeu pelo reduto agitando uma carta e pôs-se a berrar:

— Refaça-me esta porcaria! Refaça-me esta porcaria detestável que desonra o meu gabinete!

Dutilleul quis protestar, mas o Sr. Lécuyer, com uma voz trovejante, chamou-lhe barata rotineira, e, antes de sair, amarrotando a carta que tinha na mão, atirou-lha à cara. Dutilleul era modesto, mas orgulhoso. Permanecendo sozinho no seu reduto, teve um pouco de febre e, subitamente, sentiu-se acometido pela inspiração. Deixando o seu assento, entrou na parede que separava o seu

escritório daquele que era ocupado pelo subchefe, mas entrou nela com prudência, de tal modo que apenas a sua cabeça emergiu do outro lado. O Sr. Lécuyer, sentado na sua mesa de trabalho, com uma pluma ainda nervosa substituía uma vírgula no texto de um empregado, submetido à sua aprovação, quando ouviu tossir no seu escritório. Levantando os olhos, descobriu com um pavor indizível a cabeça de Dutilleul, colada à parede em jeito de troféu de caça. E essa cabeça estava viva. Através da luneta com fio, ela dardejava sobre ele um olhar de ódio. Melhor ainda, a cabeça pôs-se a falar.

— Meu caro senhor — disse ela —, você é um velhaco, um imbecil e um vadio.

Escancarado de horror, o Sr. Lécuyer não conseguia tirar os olhos daquela aparição. Por fim, arrancando-se da sua poltrona, saltou para o corredor e foi até ao reduto. Dutilleul, de caneta na mão, estava instalado no seu sítio habitual, numa atitude serena e laboriosa. O subchefe olhou-o demoradamente e, depois de ter balbuciado algumas palavras, regressou ao seu escritório. Mal tinha acabado de se sentar quando a cabeça voltou a aparecer na parede.

— Meu caro senhor, você é um velhaco, um imbecil e um vadio.

Só ao longo daquele dia, a cabeça receada apareceu vinte e três vezes na parede e, nos dias seguintes, manteve esse mesmo rimo. Dutilleul, que adquirira alguma facilidade naquele jogo, já não se contentava em dizer invectivas contra o subchefe. Proferia ameaças obscuras, gritando por exemplo com uma voz sepulcral, pontuada por risos verdadeiramente demoníacos:

— Garou! Garou! (\*) Um pêlo de lobo! (*risos*). Anda por aí um calafrio que descorna todos os mochos (*risos*).

---

(\*) *Garou* significa, em francês, lobisomem. (N. T.)

Ao ouvir isto, o pobre subchefe ficava um pouco mais pálido, um pouco mais sufocado, e os seus cabelos levantavam-se muito direitos na cabeça e corriam-lhe pelas costas horríveis suores de agonia. No primeiro dia, emagreceu meio quilo. Na semana que se seguiu, além de ter começado a mirrar quase a olho nu, ganhou o hábito de comer a sopa com o garfo e de cumprimentar militarmente os guardiães da paz. No início da segunda semana, uma ambulância veio buscá-lo ao seu domicílio e levou-o para um hospício.

Dutilleul, libertado da tirania do Sr. Lécuyer, pôde regressar às suas queridas fórmulas: «Reportando-me à vossa prezada carta do corrente dia tal...». Porém, estava insatisfeito. Alguma coisa nele protestava, sentia uma necessidade nova, imperiosa, que era nada mais nada menos do que a necessidade de atravessar paredes. É claro que o podia fazer facilmente, por exemplo, em sua casa, e, de resto, não se coibia disso. Mas o homem que possui dons brilhantes não se consegue satisfazer durante muito tempo a exercê-los sobre um objecto medíocre. Atravessar as paredes não poderia, aliás, constituir um fim em si mesmo. É o começo de uma aventura que pede uma continuação, um desenvolvimento, e, em suma, uma recompensa. Dutilleul compreendeu-o muito bem. Sentia em si um desejo de expansão, um desejo crescente de se realizar e de se superar, e uma certa nostalgia que era algo como o apelo por trás da parede. Infelizmente, faltava-lhe um objectivo. Procurava a sua inspiração na leitura do jornal, em particular nas secções de política e de desporto, que lhe pareciam ser actividades respeitáveis, mas, tendo-se por fim dado conta de que elas não ofereciam qualquer saída às pessoas que atravessam paredes, virou-se para os episódios corriqueiros que se vieram a revelar bastante mais sugestivos.

O primeiro assalto a que Dutilleul se dedicou decorreu num grande estabelecimento de crédito da margem direita. Tendo passado por uma dezena de paredes e de divisórias, ele penetrou em diversos cofres fortes, encheu os bolsos de notas de banco e, antes de se retirar, assinou o seu roubo com giz vermelho, usando o pseudónimo de Garou-Garou, num rabisco muito bonito que no dia seguinte foi reproduzido em todos os jornais. Ao fim de uma semana, esse nome de Garou-Garou adquiriu uma celebridade extraordinária. A simpatia do público ia sem reservas para esse prestigioso ladrão que desafiava tão encantadoramente a polícia. Cada noite era assinalada por um novo feito realizado quer em detrimento de um banco, quer de uma ourivesaria ou de um particular muito rico. Tanto em Paris como na província, não havia nenhuma mulher um tanto sonhadora que não tivesse o desejo ardente de pertencer de corpo e alma a Garou-Garou. Depois do roubo do famoso diamante de Burdigala e do assalto ao Crédito Municipal, que ocorreram na mesma semana, o entusiasmo da multidão atingiu o delírio. O ministro do Interior teve de se demitir, arrastando na sua queda o ministro dos Registos. No entanto, Dutilleul, que se tornara um dos homens mais ricos de França, era sempre pontual no seu escritório e falava-se dele para as Palmas Académicas. De manhã, no ministério dos Registos, o seu grande prazer era ouvir os comentários que os colegas faziam sobre as façanhas da véspera. «Esse Garou-Garou», diziam eles, «é um homem formidável, um super-homem, um génio». Escutando semelhantes elogios, Dutilleul ficava vermelho de confusão e, por trás da luneta com fio, o seu olhar brilhava de amizade e de gratidão. Um dia, essa atmosfera de simpatia deu-lhe tal confiança que julgou que não podia guardar durante mais tempo o seu segredo. Com um resto de timidez, observou os seus